

# **TEMPESTADE** **PERFEITA**

**Os desafios da democracia e da  
comunicação em contextos turbulentos**

**Luiz Signates**  
**Rogério Borges**  
**(organizadores)**

© Luiz Signates e Rogério Borges (org.), 2023

© Cegraf UFG, 2023

Revisão

*Revisor*

Capa, projeto gráfico e editoração

*Allyson Moreira Goes*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
GPT/BC/UFG**

T283 Tempestade perfeita : os desafios da democracia e da comunicação em contextos turbulentos [ebook] / organizadores, Luiz Signates e Rogério Borges. - Dados eletrônicos (1 arquivo : PDF). - Goiânia : Cegraf UFG, 2023.  
(Coleção Observatório da Comunicação).

Inclui bibliografia.  
ISBN: 978-85-495-0908-6

1. Democracia. 2. Comunicação de massa e opinião pública. 3. Direito, racionalidade e inteligência artificial. I. Signates, Luiz. II. Borges, Rogério.

CDU:321.7

Bibliotecário responsável: Enderson Medeiros / CRB1: 2276

# Sumário

Apresentação.....11

*Falta autor*

## **O futuro chegou. E agora? Reflexões sobre impactos das novas tecnologias no universo da Comunicação**

Capítulo 1

Os algoritmos sonham por nós .....18

*Lucia Santaella*

Capítulo 2

Um panorama introdutório do potencial de aplicação da  
Inteligência Artificial nas pesquisas em Comunicação .....35

*Douglas Farias Cordeiro*

Capítulo 3

Distopia, redes sociais e Jornalismo: o que a ficção científica  
pode nos dizer sobre este momento? ..... 56

*Rogério Borges*

*João Victor Reynol*

Capítulo 4

O perfil do social media em Goiás: nova profissão se equilibra  
entre likes e métricas na cartografia midiática ..... 91

*Eliani de Fátima Covem*

# O presente é agora! Debates éticos e desafios políticos em uma Comunicação em transformação

## Capítulo 5

Teorias em Tensão: Um olhar metateórico sobre limites das  
teorias da comunicação ..... 118

*Luiz Krüger*

*Luiz Signates*

## Capítulo 6

Lula atrás do vidro trincado: uma análise das manifestações  
acerca da fotografia de  
Gabriela Biló.....141

*Flávia Guidotti*

## Capítulo 7

Tempestades de Verão e Tormentas políticas: Entre a  
Exposição Crítica e a Crítica da Exposição..... 178

*Ana Carolina Rocha Pessôa Temer*

*Simone Antoniaci Tuzzo*

## Capítulo 8

Cobertura das campanhas eleitorais no Brasil: ética jornalística  
ou interesse das elites? ..... 212

*Luiz Carlos C. Fernandes*

Sobre os autores .....229

## Capítulo 7

# Tempestades de Verão e Tormentas políticas: Entre a Exposição Crítica e a Crítica da Exposição.

Ana Carolina Rocha Pessôa Temer<sup>1</sup>

Simone Antoniaci Tuzzo<sup>2</sup>

O romance *A Muralha* escrito por Dinah Silveira de Queiroz e publicado em 1954, apresenta uma série de alegorias sobre muralhas ideológicas que separam gêneros, classes sociais e principalmente o acesso à terra e às riquezas no começo da colonização portuguesa no Brasil. Mas o livro é também uma referência a uma outra muralha: a serra do mar, paredão visível por quem desembarca no litoral do Estado de São Paulo (Brasil) e que deve ser vencido por quem opta por acessar o País por esta via.

Parte desta muralha desmoronou como consequência do grande volume de chuvas no sul do Estado de São Paulo, no dia 17 de fevereiro de 2023 causando mortes e trazendo impactos para a indústria do turismo que é essencial para a região. O fato

1. Pós-doutora em Comunicação pela UFRJ e UFPE. Doutora e Mestre em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo. Docente do PPG Comunicação (UFG). E-mail: anacarolina.temer@gmail.com
2. Doutora e Pós-doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Coordenadora da Licenciatura em Relações Públicas e Gestão da Comunicação na Universidade de Maia, em Porto – Portugal. E-mail: simonetuzzo@hotmail.com

não foi exatamente surpreendente: embora o volume das águas tenha superado as expectativas, este é um período chuvoso no litoral brasileiro, e o crescente volume das chuvas tem colaborado para que as tragédias, em geral envolvendo populações carentes e construções precárias em áreas de risco, se repitam anualmente, como foi o caso das fortes chuvas da Bahia ocorridas no final do ano de 2021 e início de 2022.

A referência ao Romance A Muralha encontra aqui outro ponto de intersecção: o livro narra a bravura, a violência e as paixões dos primeiros desbravadores do Brasil, paralelo entre a bravura e as paixões das populações carentes que vivem nas construções precárias desses espaços geográficos.

Evidentemente as tempestades e suas consequências tem recebido ao longo dos anos ampla cobertura do telejornalismo, que se dedica a mostrar a reação das autoridades e as ações que são tomadas para o enfrentamento destas crises cíclicas.

É neste cenário que este artigo se debruça e busca analisar a cobertura da Rede Globo de Televisão e sua emissora coligada na TV codificada, a GloboNews nos dois momentos acima destacados, mas em si mesmo paradigmáticos, no qual a emissora explorou a relação entre as fortes chuvas, deslizamentos, precariedades, paixão e bravura das pessoas que vivem à beira mar.

Os dois episódios analisados neste artigo ocorrem nos mandatos dos Presidentes da República do Brasil, Jair Messias Bolsonaro e Luiz Inácio Lula da Silva e destacam a cobertura jornalística diante das ações de Bolsonaro, no final do ano de 2021 e início de 2022, sobre as chuvas na Bahia; e a cobertura jornalística das ações de Lula com relação às chuvas no litoral de São Paulo, no início de 2023.

Durante os episódios, Bolsonaro em final de seu mandato estava em férias em Santa Catarina, estado da união no qual ele tem uma base eleitoral mais sólida; Lula, no início do seu terceiro

mandato, estava em férias na Bahia, Estado localizado no Nordeste do Brasil, local onde Lula possui sua base eleitoral mais sólida.

A análise tem uma dupla relação, além de objetivar entender ações do telejornalismo em ambas as coberturas, também busca mostrar como os dois presidentes constroem/consolidam suas identidades políticas, e como essa construção identitária é filtrada/consolidada pela cobertura telejornalística sobre os desmoronamentos e prejuízos trazidos pelas chuvas no litoral dos Estados da Bahia e de São Paulo, tendo em vista que diante de cenários muito parecidos, o Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro seguiu desfrutando de passeios aquáticos em cidades brasileiras que não sofreram com as enchentes, mantendo suas férias, mas o Presidente Lula interrompeu as férias e foi pessoalmente acompanhar os trabalhos que estavam sendo desenvolvidos durante a tragédia causada pelas fortes chuvas.

Tendo como ponto de partida a compreensão de que na mídia (e particularmente na televisão), “a experiência social só é possível na forma de ‘espetáculo’ passageira e obsoleta” (CHOU-LIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999, p. 90), na análise do material efetivamente veiculado, optou-se por uma variável do modelo de Análise Televisual proposto por Becker (2012), mantendo o princípio básico da compreensão de que as dinâmicas das combinações dos elementos que constituem o texto audiovisual contribuem para uma melhor percepção dos sentidos das notícias (BECKER, 2012, p. 231), e igualmente buscando aporte teórico em conceitos característicos do telejornalismo.

Especificamente, a análise envolve a compreensão de que o processo de construção dos produtos midiáticos audiovisuais é desenvolvido em três fases: descrição, análise televisual e interpretação dos resultados. Assim, entendemos que as dinâmicas sociais e os discursos sociais devem ser pensados criticamente, com o olhar científico que permita a investigação social em sua complexidade.

Neste sentido, foi feita uma seleção do material veiculado no final do ano de 2021 e início de 2022 sobre os efeitos nocivos das chuvas no litoral da Bahia que tinham a imagem do então Presidente Bolsonaro ou se referiam a ele, ao seu governo ou às suas ações. Da mesma forma, foi feita uma seleção do material veiculado pela imprensa com referências às fortes chuvas no litoral de São Paulo no início de 2023, que apresentavam imagens que continham a presença do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva ou citavam o seu nome, seu governo ou suas ações.

Na seleção das matérias jornalísticas analisadas para este estudo, foi feito um recorte do conjunto veiculado pela Rede Globo de Televisão, canal de sinal aberto, que ordinariamente é repetido, ampliado e comentado pela emissora de sinal fechado Globo News, que pertence à mesma holding.

Destaca-se que o grupo empresarial tem a sua história marcada pelo entrelaçamento de interesses econômicos e políticos, e tem buscado ampliar seu alcance (e o seu prestígio) com uma maior diversificação dos meios e dos públicos, em particular em portais, sites especializados e podcasts; e apostado na emissora codificada GloboNews como espaço privilegiado para um jornalismo opinativo e mais facilmente identificado com os objetivos políticos da emissora.

O trabalho objetiva compreender as estratégias dos Presidentes e de que forma elas são veiculadas nacionalmente no material telejornalístico da Rede Globo de Televisão e da Globo News, procurando abarcar o macro panorama das relações políticas da Rede Globo com os dois Governos.

Por um lado, o presidente Bolsonaro que tecia permanentes críticas ao jornalismo e à Rede Globo de Televisão, inclusive (mas não somente) em função dos vínculos e preferências dos seus apoiadores pela Rede Record, cujo crescimento em números de audiência já incomodava. Além disso, a predileção do



Presidente pelas redes sociais tanto para receber quanto para emitir opiniões / informações.

Por outro lado, como essa relação muda em função de um novo Governo do Presidente Lula, que valoriza a exposição midiática e busca a construção de uma identidade diferenciada em relação ao Governo Bolsonaro e a inclusão de elementos que reforcem o crescimento de sua aceitação popular.

### **Rede Globo de Televisão: audiência e poder político**

Apontada historicamente como a mais importante rede de televisão do país e acusada por outras mídias, e mais recentemente pelas Redes Sociais, de interferir na eleição de presidentes e impor pautas para a nação, a Rede Globo de Televisão se caracteriza pela excelência técnica e por altos investimentos, além de manter uma rede de afiliadas que garante e amplia uma cobertura jornalística (ainda que não equânime) de todo território nacional.

Essas qualidades foram a alavanca para um monopólio informativo nas décadas de 1980 e 1990, mas o final do século trouxe novos concorrentes e novos desafios, impondo uma constante (e indesejada) queda de audiência.

A disputa pela audiência entrou pelo novo século e, em 2018, o Jornal Folha de S. Paulo publicou uma matéria com o título “Audiência da Globo cai e chega ao menor índice em três anos” (Folha S. Paulo, 2018). Em 2019, o observatório da TV – Uol publica uma matéria intitulada “Record comemora crescimento de 25% de Ibope no Brasil nos últimos 5 anos”. (VAQUER, Uol, 2019).

Em que pese as diferenças regionais e as particularidades de audiência dos diversos programas, em linhas gerais, os números de audiência da Globo seguiram em queda. Ainda que essa realidade seja comum às grandes redes (mesmo em outros países) a emissora tem sido particularmente assediada pela Rede

Record, cujos números tiveram comprovados aumentos, gerando, é claro, um desconforto, mudanças de direção e estratégias da Rede Globo diante do cenário negativo.

Os interesses políticos sempre presentes na trajetória da Rede Globo, são também vetores de mudanças na forma como os políticos e as questões ligadas à política e à corrupção sejam abordados no telejornalismo da Rede Globo. Neste contexto, o crescimento de conteúdos opinativos (particularmente na emissora Globo News) aponta uma exposição mais crítica às ações do Governo capitaneado pelo presidente Bolsonaro.

Esse posicionamento foi impulsionado durante a pandemia, período no qual a emissora manteve o prestígio e a credibilidade do seu telejornalismo e até mesmo se beneficiou do aumento dos índices de audiência da televisão durante a crise sanitária.

Com o final da fase aguda da pandemia, a emissora embarcou na cobertura da campanha eleitoral, agindo a partir de uma pretença igualdade de tempo de exposição dos candidatos, tentando obliterar as dificuldades que mantinha com Jair Bolsonaro, presidente na época.

Passado o período eleitoral, a Rede Globo dedicou parte significativa da cobertura televisiva ao processo de transição e das decisões precoces do candidato eleito, antes mesmo da sua posse. Essa proposta seguiu com a ampliação da cobertura da cerimônia de posse presidencial (já tradicional na Rede), mas também com o acompanhamento detalhado dos primeiros dias do governo – aí incluído uma cobertura diferenciada, em pool, da Rede Globo de Televisão e Globo News, nos atos de vandalismo/terrorismo no dia 8 de janeiro de 2023.

Nesse conjunto, evidencia-se que as imagens projetadas pela Rede Globo do ex-presidente Jair Bolsonaro e o novo presidente, Luiz Inácio Lula da Silva, tem diferenças significativas, tanto em função das ações estratégicas destes governantes na

construção de sua imagem/persona política, mas também em função de uma interpretação desta construção. Para entender a amplitude e características dessas diferenças, buscamos analisar como a exposição destes dois mandatários e de suas ações/decisões no enfrentamento de tempestades de verão se consolidou na cobertura do telejornalismo.

### **Uma proposta de análise**

Becker (2012) propõe um processo de análise dos diferentes elementos que contribuem para a construção dos produtos midiáticos audiovisuais a partir de três fases: descrição, análise televisual e interpretação dos resultados.

Este trabalho está centrado nos aspectos qualitativos, e é desenvolvido nas três fases da análise, mas com destaque para as questões relativas aos elementos que caracterizam o modo como o produto audiovisual se apresenta, na temática ou tematização (que revela os campos temáticos privilegiados num determinado produto audiovisual) e no enquadramento adotado, verificando se é episódico, com foco no evento; ou temático, com o relato do contexto no qual se insere o fato.

Tematização é a expressão utilizada nos estudos sobre jornalismo para diagnosticar a tendência que os veículos jornalísticos têm de focar com maior frequência temas ou assuntos específicos.

No telejornalismo, tematizar um tema/assunto é salientar sua importância, “colocá-lo na ordem do dia da atenção do público” (WOLF, 2008, p.165) por meio de uma cobertura constante em vários dias de um mesmo telejornal, em vários telejornais ou em diferentes veículos de imprensa. De uma forma ampla, a tematização pode ser uma consequência das rotinas de produção jornalística, mas também pode ser uma ação intencional para destacar temas e assuntos a partir de interesses específicos.

Ainda que seja intencional, as tematizações prosperam a partir de temas/assuntos com potencial jornalístico, ou seja, questões que podem impactar a sociedade.

No entanto, a superexposição cria um processo de retroalimentação que tende a aumentar essa importância, criando viés nestas coberturas. A tematização afeta o trabalho dos produtores/repórteres e editores que passam a repetir estratégias de produção ou mesmo informações, obliterando a divulgação de outras informações também importantes.

A tematização é um elemento frequente no telejornalismo nas coberturas dos grandes desastres climáticos ambientais, uma vez que envolve perdas de vidas e de recursos consideráveis, mas também porque proporciona imagens impactantes ou espetaculares.

A tematização tende a ser acompanhada por estratégias que envolvem o enquadramento, conceito que por sua vez diz respeito ao direcionamento do olhar, à forma ou angulação pelo qual o tema/assunto é reportado.

O telejornalismo contemporâneo tende a utilizar o enquadramento episódico, que se concentra nos personagens envolvidos (FRANCISCATO e GÓES, 2012, p. 296), não raro utilizando recursos sensacionalistas, o que inclui uma ênfase na oralidade e na repetição de palavras, na adoção de associações e redundâncias entre imagens e linguagem verbal, além da simplificação dos fatos e dos contextos nos quais eles se inserem.

No caso das tragédias climáticas/ambientais isso representa ouvir os políticos e técnicos *responsáveis*, além de uma significativa quantidade de especialistas em condições climáticas – com destaque para profissionais que associem esses desastres com o aquecimento global – além de especialistas em solo, hidrologia e ocupação do espaço urbano.

A associação das duas estratégias pode ser complementada por narrativas que destacam relações diretas ou indiretas entre

assuntos e abordagens, elementos complementares ou outras informações que reforçam a importância do assunto tematizado e/ou do enquadramento adotado. Neste último caso, atuam como modais.

O termo modal (modais), é utilizado para a definição de meios de transporte, ou de uma logística de transporte. Especificamente nas Ciências Sociais a expressão envolve a compreensão de que os conceitos ou expressões podem ser combinados para remeter (conduzir) uma aplicabilidade ou uma concepção (ideia ou idealização) de realidade.

No jornalismo os modais são formados a partir de tematizações e enquadramentos evidenciados ou apoiados por matérias aparentemente pontuais e neutras, mas que se conectam ou reforçam um tema central.

Uma vez que um tema/assunto é intencionalmente *tematizado*, sua permanência é uma estratégia para reforçar sua importância, mas também um modal que justifica a inserção de matérias correlatas (como a seca em outras regiões, política pública em diversos setores etc). Consequentemente, o jornalismo se cerca de modais que, sem se referir diretamente ao tema, justificam, apoiam e reforçam a importância da sua inclusão.

Especificamente no telejornalismo, modais conduzem às percepções do espaço real e simbólico — um mundo ou uma sociedade – no qual o telejornal está inserido por meio de percepções associadas, em uma relação sutil de espelhamentos imagéticos e verbais apresentados com pequenas diferenças, em um jogo de inter-retroações, solidariedade dos fenômenos e obliteração das contradições.

No caso específico deste artigo, busca-se apontar o vínculo formado pelo telejornalismo da Rede Globo de Televisão entre a ausência/incompetência do Governo na reação às fortes chuvas no litoral da Bahia e as férias do presidente Bolsonaro, em contra-

posição à postura do Presidente Lula, que além se deslocar para o local do desastre, se fez acompanhar de vários ministros, e se colocou em frente às telas na companhia de adversários políticos declarando que era um momento de *todos trabalharem juntos*.

A hipótese adotada neste estudo é que as matérias jornalísticas que sobrepõem as condições climáticas adversas e as representações dos dois presidentes em momentos semelhantes (ainda que não totalmente iguais) atuaram como modais que empurram para possibilidade única de leitura, atuando como vetores que eliminam a ambiguidade de uma informação, sem afetar diretamente a objetividade, ou a proposta de objetividade dessa informação.

### **Jornalismo, Telejornalismo e relações estratégicas**

O jornalismo é, em si mesmo, o resultado da vitória das democracias republicanas e o crescimento da presença de indivíduos formatados segundo um modelo liberal burguês e urbano (MARCONDES FILHO, 2000, p. 09).

O liberalismo, e sua versão mais extrema, o neo-liberalismo, questiona a importância e o gigantismo do Estado, vendo no jornalismo uma atividade diretamente ligada ao questionamento das autoridades, pela busca da verdade e pela essência do progresso.

Dessa forma, o jornalismo incorpora o status de serviço ao público, uma vez que informa sobre os elementos essenciais à vida diária e dá visibilidade ao Estado e às ações e decisões que afetam a sociedade; ainda que não seja necessariamente um serviço público, no sentido restrito de serviço essencial subsidiado pelo Estado.

No desenvolvimento deste processo, o jornalismo se constitui eticamente a partir do compromisso na divulgação de fatos verdadeiros. A verdade existe no jornalismo como meta deseja-

da, e o seu inverso – a mentira, a fantasia, a invenção – constituem-se a negação da função definidora desta atividade.

O telejornalismo, sendo o jornalismo para a televisão, ou na televisão, carrega consigo os princípios básicos que definem o jornalismo, e se define como o espaço da informação verdadeira (ou da não ficção) na televisão.

Para manter esse compromisso com a verdade, os discursos utópicos sobre o jornalismo apregoam também uma relação de distanciamento do Estado. Dessa forma o jornalismo se cristaliza principalmente a partir de empresas privadas, voltadas para o lucro, em um modelo marcado pelo capitalismo e pela valorização utópica de ideias de liberdade de opinião e expressão. No entanto, em muitos casos, o distanciamento é apenas formal, pois imprensa e Estado podem estabelecer práticas comerciais viciadas e/ou trabalhar a partir dos interesses estratégicos e ideológicos comuns.

Nesse sentido, Weber alerta que as empresas não são “simplesmente empresas capitalistas com a ânsia do lucro, mas também organizações políticas que funcionam como clubes políticos” (WEBER, 1972, p. 80-81). O jornalismo, portanto, envolve uma complexidade das relações de poder, nem sempre transparentes na sociedade contemporânea.

Em termos históricos, o desenvolvimento do jornalismo moderno a partir da valorização da informação enquanto “produto” com potencial comercial, que pode ser vendido diretamente ou indiretamente ao público, apresenta também resultados econômicos (e políticos) em uma relação que se amplia com os conglomerados midiáticos.

Assim, para entender o jornalismo e os seus produtos, inclusive os telejornais, é necessário considerar tanto as relações de poder, como os elementos técnicos, sociais e econômicos que afetam a sua produção. No caso do telejornalismo, isso inclui

uma permanente necessidade de conquistar/seduzir o telespectador, ou trabalhar a partir da lógica de que “não adianta fazer o melhor telejornal do mundo se ninguém for vê-lo” (TEMER, 2002, p.235).

O telejornalismo, portanto, funciona sempre pressionado pela audiência, o que exige dos seus produtores ações estratégicas que equilibrem a necessidade de veicular informações novas e de interesse público (que é a essência do jornalismo) adaptadas de forma a conquistar o interesse do público e dos seus próprios interesses.

Nessa ação da informação, embora ainda conserve os vínculos com a verdade, o telejornalismo se apropria da linguagem televisiva, que trabalha a partir da emoção e organiza o seu conteúdo convidando para a dramatização (BOURDIEU, 1997, p. 71), sendo “re-elaborada” a partir de apelos estéticos e emocionais.

Esse apelo é mais facilmente identificado nas informações sobre tragédias ou outros momentos nos quais indivíduos são colocados em situações limite, mas não está ausente na cobertura política.

A Rede Globo sempre esteve atrelada às relações políticas de troca de regimes governamentais e troca de líderes, quer em instâncias Estaduais, quer em instâncias Nacionais, mas o processo eleitoral de 2018 foi diferenciado de diversas maneiras. Pela primeira vez em eleições livres, a Rede Globo, não conseguiu reunir todos os candidatos para o tradicional debate entre os presidencialáveis.

Sobretudo no segundo turno, a Rede Globo se vê em uma encruzilhada: de um lado, o candidato do PT, partido dos trabalhadores, que carrega a marca do ex-presidente Lula, para o qual ela direcionou os holofotes na cobertura da operação Lava-Jato, que colocava o partido no centro da corrupção; do outro lado, a emissora via no candidato Jair Bolsonaro uma aproximação



significativa com a Rede Record, sua principal concorrente em termos de audiência.

Antes mesmo da eleição em 2018, o candidato do PSL, Jair Bolsonaro, entrevistado por William Bonner e Renata Vasconcelos, no Jornal Nacional foi agressivo com a Rede Globo. Após ser eleito, e sobretudo ao apresentar os primeiros processos de desgaste, o Presidente respondeu de forma agressiva, em críticas genéricas à imprensa de uma forma geral, mas também com acusações específicas à emissora e/ou jornalistas da Rede Globo.

A crise entre a Globo e o Governo ganha novos contornos com a chegada da Pandemia da Covid-19, quando a emissora enfatizou o discurso de defesa das orientações da Organização Mundial da Saúde, e destacou os constantes discursos do Presidente da República duvidando da gravidade da doença e justificando suas escolhas como uma defesa da economia do País.

## **Empatia e política**

No período da campanha eleitoral que culminou na sua vitória em 2018, o Presidente Bolsonaro não tinha como norma mostrar empatia, apresentando um discurso que valorizava o combate à corrupção, em uma nebulosa versão de moralidade, construindo a sua persona política como um indivíduo forte – paraquedista do exército – e com poucas referências aos setores carentes da sociedade brasileira. Dessa forma, Bolsonaro, auto declarado incorruptível e *imbrochável*, tentava consolidar uma identidade balizada na força física, mas também em uma (pretensa) força de caráter.

A emergência da Covid-19 não mudou esse comportamento, e além de tentar minimizar os efeitos da doença em diversas aparições públicas e comentários – nos quais afirmava, entre outras justificativas, que pessoas saudáveis e adeptas do exercício físico seriam minimamente afetadas, o presidente Bolsonaro não mos-

trou empatia com os milhares de casos de infecção ou mortes, não realizando, também, as protocolares visitas aos hospitais para acompanhar o avanço da doença, culminando com o desca-so às vacinas e à sua compra como forma de diminuir os casos da doença no país; e aos cientistas que a defendiam.

Da mesma forma, Jair Bolsonaro não demonstrou interesse na questão climática. Sem se referir diretamente ao tema, se apegou à existência de complôs internacionais para ocupar a Amazônia, mitigando as condições de fiscalização para a proteção ambiental na região e, sempre que possível, ignorando as denúncias sobre garimpos e outras atividades ilegais. Em muitos aspectos, o modelo adotado pelo Presidente Bolsonaro se aproxima do grotesco.

Em termos teóricos, o grotesco é uma forma de subversão ou deformação da cultura ocidental contemporânea que se difunde a partir da ampliação dos seus valores, em situações nas quais não existem as condições para a manutenção destes valores.

No Brasil o conceito de grotesco foi delimitado por Sodré (1973), como um paradoxo de afirmação dos valores estéticos ou morais e a sua negação, uma deformação dos ideais da sociedade ocidental, releituras que valorizam aspectos violentos, absurdos e, sobretudo, o ridículo, o deformado e/ou escatológico. Na América Latina o grotesco se aproxima do popular, do absurdo, do simples ou cruamente sincero.

No caso do presidente Bolsonaro, o grotesco está na linguagem (discursos simplórios eventualmente permeados pela linguagem vulgar); a opção pelas conversas no cercadinho (espaço criado por ele para atendimento aos jornalistas, mas que era principalmente ocupado por correligionários); a culpabilização de outros pelos próprios erros; e as constantes denúncias de perseguições e complôs impetrados por países, lideranças sociais e políticas e organizações diversas.

O grotesco se reforça com as imagens de um indivíduo deslumbrado com os luxos do poder, aparições improvisadas montado a cavalo, chegadas de helicóptero nas manifestações, motocicletas e passeios de jet-ski, mas também na mistura da política com a família e a religião e na obsessão de nomear amigos para cargos públicos.

É inegável que essa estética satisfaz uma parte da população brasileira, mas também se nota que as ações do presidente resultaram em desgaste junto à imprensa e parte da opinião pública (nacional e internacional). O alcance desse desgaste culminou com a não reeleição ao cargo presidencial, contudo a pequena margem dos números nessa derrota mostra que o candidato vencedor (Lula) também tem uma imagem comprometida.

O atual presidente, Luiz Inácio Lula da Silva iniciou sua carreira política como líder sindical, mas se destacou como líder do PT, principal partido de oposição no Brasil. Alçado ao cargo após diversas tentativas, implantou vários programas voltados para a população mais carente, sempre reforçando suas origens populares/operárias. O sucesso destas ações garantiu uma reeleição, e da mesma forma, a eleição de sua candidata, que também foi reeleita.

Mas a reeleição da presidenta Dilma, ou o quarto mandato do Partido dos Trabalhadores na Presidência, foi conquistada por uma pequena margem dos votos e os partidos do centro e da direita cresceram junto com denúncias de corrupção e mau-uso das verbas públicas. A consequência foi o impeachment da presidente e a prisão do então ex-presidente Lula, em manobras que inviabilizaram sua nova candidatura à Presidência no ano de 2018.

Lula enfrentou os desgastes com resiliência, sem abdicar de seu papel de líder de oposição e de sua ambição de voltar ao cargo de presidente. Quando os processos findaram e o período

na prisão ficou para traz, o Brasil era um país diferente, marcado pela voz estridente dos setores conservadores e elementos saudosos do autoritarismo que marcou o Governo Militar.

Como consequência, a persona política de Lula teve que ser ressignificada, como um negociador capaz de unir partidos e opositores em um governo de coalisão. Tudo em meio a uma eleição em que ambos os lados fizeram promessas de apoios financeiros aos setores carentes e desenvolvimentistas, mas também pelas trocas de acusações sobre o caráter e a lisura do concorrente.

Eleito, o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva procurou ampliar sua imagem de líder popular, reforçando a implantação de ações e políticas voltadas para a população de baixa renda, mas também como conciliador respeitado e atuante em diferentes esferas da política nacional e internacional.

## **Tá na Globo**

O telejornalismo da Rede Globo de Televisão, seja através dos telejornais exibidos nacionalmente (Bom Dia Brasil, Jornal Hoje, Jornal Nacional e Jornal da Globo), seja por meio da emissora codificada GloboNews e da plataforma de notícias G1, ainda têm grande influência na formatação das pautas do jornalismo brasileiro.

Ancorada em um modelo tradicional de telejornalismo e no uso sofisticado de aparatos tecnológicos e da valorização da estética, a Rede se apoia-se no amplo material produzido por suas afiliadas para manter uma cobertura ágil e ampla da maior parte do país.

Trata-se de uma proposta de telejornalismo nacional no qual a informação flui em camadas sobrepostas e as imagens transmitidas reforçam uma presença local – o estar ao vivo e fisicamente atuante nos momentos em que a informação efetivamente acontece.

A eficiência desse processo coloca em segundo plano os elementos estratégicos e até mesmo os custos ocultos dessa cobertura, mas também oblitera que para facilitar o entendimento do receptor, as matérias jornalísticas reorganizam as informações de forma a torná-las *mais interessantes*, dramatizando a notícia e dando a ela um senso de importância e urgência.

De uma forma geral, ainda que exista uma separação formal entre os assuntos ou editorias, o conteúdo do telejornalismo é organizado em blocos demarcados, nos quais predominam claramente o gênero reportagem, com espaço menor para outros formatos.

Mas os últimos anos foram marcados por uma clara emergência dos conteúdos opinativos, que cresceram em grande escala no canal GloboNews, mas que também marcam presença na emissora da Rede de sinal aberto. Da mesma forma, a emergência das questões climáticas nas pautas – apenas secundarizada pela força da pandemia – também tem sido significativa.

No Brasil tropical, isso significa uma cobertura cíclica das chuvas de verão e das frentes frias que pontuam o inverno, a tal ponto que, durante alguns anos, a emissora chegou a dispor de capas de chuva com a sua logomarca impressa para uso dos repórteres.

Ao contrário das chuvas tropicais, que além dos tradicionais estragos nas grandes cidades, se concentram de forma pouco previsível em diferentes microrregiões, a cobertura das tormentas e de suas consequências segue um padrão, no qual o destaque inicial é a destruição causada, seguida das consequências e dificuldades na reparação/ reconstrução, e pela louvação às campanhas de apoio às populações afetadas.

Enchentes, trombas d'agua, carros e caminhões virados, ruas destruídas, rendem sempre imagens impactantes e o interesse da audiência. Como afirmam Ortiz e Oubiña (2021, p. 19) “la tragedia se convierte en la protagonista de la información”.

As fortes chuvas que caíram no final de 2021 e início de 2022, tiveram como diferencial o maior impacto e o fato de terem se espalhado por vários estados. O grande número de pessoas afetadas deu a dimensão da tragédia, o que por sua vez dinamizou a cobertura de seu impacto e suas consequências.

Fato semelhante ocorre com as enchentes provocadas pelas chuvas no litoral de São Paulo, no início de 2023. Sobre isso, Ortiz e Oubiña afirmam que:

Una tragedia o catástrofe suele conllevar destrucción, en mayor o menor medida y, a menudo, supone la pérdida de vidas humanas o bienes materiales [...]. Es, precisamente, la cantidad de fallecidos la que determina, en muchas ocasiones, la cobertura que se le presta al suceso. (ORTIZ E OUBIÑA, 2021, p. 20 e 21).

Esse aspecto factual, no entanto, não oblitera o aspecto político destas coberturas. O enquadramento adotado, mas também os modais que a questão oferece, reforçam as intenções políticas e econômicas das empresas midiáticas.

Em especial, na análise comparativa das duas ocasiões analisadas, estes aspectos se evidenciam quando a cobertura faz o contraponto dos fatos com a cobertura das férias do Presidente Bolsonaro em uma praia do sul do país, longe das chuvas e dos apelos das pessoas afetadas; e as ações do presidente Luiz Inácio da Silva, que também estava em um período de descanso no litoral do Estado da Bahia – a tragédia do litoral de São Paulo ocorreu no Carnaval –, que foi rapidamente interrompido.

Em ambos os casos, se evidencia, em termos jornalísticos, a relação entre a política e a celebração da notícia; e a formação da imagem política de cada um dos presidentes.

## A descrição dos fatos e a cobertura

A cobertura das chuvas de verão pelo telejornalismo brasileiro é quase protocolar. Telejornais ao vivo com formato sensacionalistas mostram as ruas alagadas no centro da cidade e reclamam das autoridades que, ano após ano, pouco fazem para evitar o problema.

Na Rede Globo de Televisão essa cobertura geralmente é comandada pelas emissoras locais, eventualmente gerando matérias isoladas nos telejornais nacionais quando a gravidade das chuvas ou o impacto de suas consequências (e principalmente o número de mortos) ultrapassa os danos materiais.

No período entre o dia 27 de dezembro de 2021 e 05 de janeiro de 2022, todos os jornais veiculados nacionalmente da Rede Globo apresentaram pelo menos uma reportagem sobre as fortes chuvas.

Foram mencionados os Estados de Minas Gerais, Piauí e Tocantins, mas destacando principalmente o sul do Estado da Bahia, onde as chuvas fizeram um estrago senão maior, pelo menos mais visível.

O mesmo modelo foi adotado na cobertura da tragédia na vila Sahuy, município de São Sebastião no Estado de São Paulo, ocorrida no início de 2023, ainda que neste período as chuvas se concentrassem na Região Sudeste e houvesse o contraponto da seca no sul do país.

Acrescenta-se sobre essa cobertura, que o impacto das chuvas é citado no material como previsível, principalmente em função do fenômeno meteorológico conhecido como LaNinha, o que – segundo o material jornalístico veiculado – também foi anunciado pela emissora.

No entanto, o período da tragédia (entre o Natal e o Ano Novo, na Bahia; e no Carnaval, em São Paulo) e principalmente sua extensão, obrigou a Rede Globo a realizar uma cobertura

mais ampla, embora ainda dentro do padrão da emissora, buscando demonstrar a força de sua cobertura nacional, detalhando a extensão do drama e valorizando as ações populares de ajuda às pessoas afetadas.

Na cobertura das enchentes de verão é comum (e esperado pelo público) ver jornalistas entrarem nos locais alagados, apontarem os principais estragos, apresentarem o nível da água nas casas alagadas, além de entrevistar bombeiros e autoridades, que falam sobre as providências a serem tomadas.

Durante alguns anos, a empresa chegou a equipar os seus funcionários com botas e capas com a logomarca da Rede (TEMER e SANTOS, 2014), mas seu uso já não está visível. A emissora também procura valorizar a cobertura com imagens de alguns salvamentos mais impactantes, com vídeos fornecidos pelos bombeiros ou selecionados a partir da participação do público pelas Redes Sociais.

Para além dos dados oficiais (números de pessoas afetadas e impactos financeiros), que são reiteradamente citados com referências às fontes e também provisórios ou ainda *a serem confirmados*, a cobertura tem um notável destaque imagético: cenas dos barcos improvisados nas ruas transformadas em rios, escavadeiras retirando a lama e imagens aéreas obtidas por drones, que reforçam a dimensão do efeito das chuvas.

No entanto, ainda que não seja destacado na fala dos repórteres ou na narrativa dos noticiários, o material serve de modal para mostrar o Brasil dos desvalidos, das construções precárias e improvisadas nas margens dos rios ou nas ribanceiras dos morros, na carência dos recursos das pequenas casas encravadas em bairros e ruas sem infraestrutura, nas famílias chorosas que reclamam da dificuldade de recompor o pouco que foi perdido em função da falta de renda ou de emprego.



Essas imagens ganham um aspecto quase perverso nas coberturas analisadas, seja como contraponto às festividades do Natal ou da alegria do carnaval, mas também, de forma mais sutil, da formalidade dos espaços políticos, nos quais se discute orçamentos de milhões e acordos que fogem à compreensão popular.

Submerso no cotidiano, sobre esse Brasil que transborda e desmorona em ocasiões festivas, os telejornais nacionais da Rede Globo fazem uma cobertura elaborada a partir de colagens de imagens de várias afiliadas, estratégia utilizada para mostrar a amplitude diferenciada destas enchentes/desmoronamento, mas também das imagens/declarações de especialistas (principalmente sobre o clima e a ocupação dos espaços urbanos) e personas ligadas à política nacional.

Devido às características da GloboNews, canal voltado exclusivamente para o jornalismo, a cobertura das enchentes/desmoronamento foi também ampla, e ainda com um maior índice de redundâncias (repetição de conteúdos/matérias jornalísticas). Mas ao contrário da Rede de sinal aberto, o material informativo foi usualmente completado pela análise dos comentaristas.

De forma secundária, tanto na GloboNews como na Rede Globo, a cobertura das enchentes no sul da Bahia forneceu um pano de fundo para críticas indiretas ao Governo Federal, que não apenas ignora o perigo das enchentes, como também não valoriza a questão climática/ecológica. Essa crítica era insinuada no texto verbal ou imagético, mas não aprofundada, uma vez que os governos estaduais ou prefeituras foram apresentados como vítimas ou atores secundários nas ações de prevenção.

Nos desabamentos em São Paulo, menos de dois meses depois da posse do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, as críticas foram suavizadas, embora os comentários da GloboNews destacassem a ocupação desordenada dos morros e falta de planejamento público, que remetiam a ações do governo anterior.

Em ambos os casos, dois aspectos se destacam: os dois mandatários estavam de férias na praia, destino mais concorrido dos brasileiros no verão; e ambos optaram por Estados (Santa Catarina e Bahia) nos quais tiveram expressiva votação nas respectivas eleições.

O fato do ex-presidente Bolsonaro ter mantido suas férias, enquanto Luiz Inácio Lula da Silva iniciou rapidamente deslocamentos e contatos com políticos locais, particularmente o Governador de São Paulo, que é oposição ao seu governo, foi amplamente explorado pelos comentaristas da GloboNews, mas o telejornalismo nacional da emissora de sinal aberto da Rede Globo não valorizou esse aspecto.

Em termos quantitativos, tanto o então Presidente Bolsonaro quanto o presidente Lula tiveram suas imagens divulgadas pelo menos uma vez em cada telejornal veiculado nacionalmente pela Rede Globo. Mas a origem destas imagens é diferenciada: Bolsonaro é mostrado em imagens capturadas por amadores (na praia ou andando de jet-sky) e em rápidas entrevistas no modelo chamado pelos jornalistas de quebra queixo; ou seja, quando o jornalista aborda intempestivamente o entrevistado, em geral na saída ou entrada do local no qual está hospedado.

Já nas imagens do Presidente Lula predominam os encontros agendados – entrevistas coletivas. Nesse conjunto se destaca as coletivas nas quais participam o Presidente, Governador do Estado de São Paulo e prefeitos das cidades atingidas. Além de nem sempre ocupar o primeiro plano, o Lula raramente está sozinho, pois além das autoridades locais se mantém acompanhado de ministros e assessores.

As declarações dos dois mandatários apresentam similaridades e diferenças. Ambos usam predominantemente a primeira pessoa do plural, mas nas falas de Bolsonaro isso remete a um vício de linguagem, uma vez que está quase sempre sozinho, ainda que visivelmente acompanhado pelos responsáveis para

sua segurança. Já as falas do presidente Lula são sempre acompanhadas de gestos inclusivos, nos quais aponta ou mesmo verbaliza, aqueles que o acompanham. Destaca-se também uma diferença nos enquadramentos dados pelas empresas Globo aos dois governos, com um evidente menor apreço pelo ex-presidente Bolsonaro.

As férias do presidente Bolsonaro foi assunto de diferentes comentaristas da GloboNews, e embora suas imagens estivessem presentes nos telejornais nacionais, pouco era comentado. Em muitos casos a imagem de Bolsonaro foi explorada a partir do *nonsense*, do absurdo, da diversão em paralelo com a tragédia, da falta de empatia e da incapacidade que o governante demonstra com suas obrigações e com a dignidade do cargo.

A colaboração de Bolsonaro neste sentido é significativa, mas não desprovida de intenções. Suas declarações bruscas, entrecortadas, envolvem termos simplórios e até linguagem vulgar, na qual ele demonstra desconhecimento, um apego irracional a soluções simples e a tendência a delegar/terceirizar ações que atendam às necessidades imediatas das vítimas das chuvas.

Tal comportamento formata uma persona que é desapegada dos rituais do cargo (e, por extensão, da política). Ao mesmo tempo constrói a percepção de um homem forte, atlético, capaz de desfrutar de forma quase ingênua dos pequenos prazeres burgueses, andando de jetsky e gozando da praia e da culinária local.

Essas opções foram vistas de forma negativa pela Globo News. Um exemplo são as críticas da comentarista Natuza Nery, no dia 29 de dezembro de 2021, expostas enquanto as imagens do passeio de moto aquática eram exibidas nas telas:

Enquanto essas pessoas estão passando por isso [em uma referência aos problemas das enchentes] o presidente está na praia, descansando. O mais surpreendente de tudo é que as pessoas descansam quando elas trabalham e o presidente da República não tra-

balha! Trabalho não é o ramo dele! Ele gosta de fazer motociata, ele gosta de passear de moto aquática. Ele acha que tem o direito de descansar e muito me surpreende, que ele consiga dormir, enquanto essas pessoas estão sofrendo. (NERY, GloboNews, 2021)

Imagem 01



Fonte: Reprodução/GloboNews

Imagem 02



Fonte: Reprodução/GloboNews



Fonte: Reprodução/GloboNews

Em resposta à crítica midiática, o presidente Jair Bolsonaro disse que “é maldoso quem fala que estou de férias, eu dou minhas fugidas de jet ski” (g1 São Paulo, 2022).

Mas as férias foram além das escapadas de jet ski e no período de 27 de dezembro de 2021 até a passagem do réveillon de 2022 o presidente jantou em pizzeria e visitou um parque onde se apresentou como piloto após show temático, em uma praia de Santa Catarina, Brasil.

Ao contrário das férias do Presidente Bolsonaro que foram midiaticamente registradas em detalhes, o breve período do Presidente Lula em praias na Bahia não gerou muitos registros. O presidente optou por um espaço gerido pela Marinha, de acesso restrito para o Público. A ausência de registros se deve também à brevidade da estadia, uma vez que imediatamente após a tragédia em São Sebastião/SP o presidente deixou esses espaços e iniciou ações/negociações para mobilizar seus ministros e governantes estaduais e municipais.

Os registros imagéticos destacam um negociador preocupado com o bem-estar da população afetada pela tormenta, mas também um governante empenhado e até mesmo criativo, que desenvolveu esforços para mobilizar setores pouco presentes nestas ocasiões – como empresários do porto de Santos, a Marinha Brasileira (que se deslocou com um navio com doações, mas também com equipes médicas e de atendimento psicológico) e até mesmo a Polícia Federal que doou itens capturados/esquecidos na alfândega.

Parte da exposição imagética do presidente Lula mostra um político que abdicou (parcialmente) da vaidade e da importância do cargo, deixando em primeiro plano os mandatários locais, em função da força da tragédia.

Imagem 04 - Tarcísio de Freitas, Lula e prefeito de São Sebastião, Felipe Augusto, após reunião para tratar dos desastres provocados por chuvas no Litoral Norte



Fonte: Reprodução/GloboNews

Da mesma forma que a exposição de Bolsonaro, essa exposição não é neutra. Lula divide simbolicamente a tragédia com os políticos de oposição, e coloca nas declarações dos seus ministros as críticas ao desprezo que os governos anteriores tinham sobre as questões climáticas e outros aspectos relativos à ocupação irregular das encostas. Aliás, a rapidez com que o Governo aponta espaços públicos no qual serão instaladas moradias populares, mostra de forma indireta como o problema poderia ser minimizado ou evitado de forma eficiente e relativamente simples.

## **Análise televisual e interpretação dos resultados**

É certo que a cobertura das chuvas de verão se repete anualmente, mas a natureza do drama traz impactos diferentes em função das regiões atingidas. Nos dois períodos analisados, além do diferencial no volume e na extensão da tragédia, a questão do impacto em regiões fortemente vinculadas ao turismo serviu de modal para discussão de aspectos econômicos e da questão do emprego. Da mesma forma, ainda que isso se coloque principalmente pelo não dito, o elemento obliterado é também a escolha dos dois mandatários pelas férias em regiões turísticas e com praias.

A dinâmica desta cobertura, veiculada tanto nas emissoras de sinal aberto da Rede Globo de Televisão e, em grande parte reexibida pela emissora codificada GloboNews, revela alguns aspectos: mais do que ter uma estrutura de elaboração das reportagens a cobertura revela o status de três grupos representados nas telas.

O primeiro grupo é constituído pelas vítimas com a fala chorosa e a reclamação das perdas, com a fé de que foram salvas, com a determinação de prosseguir, pois é hora de reconstruir, reafirmando a imagem do povo brasileiro - pobre mas determinado, impotente mas esperançoso. O segundo grupo são as autoridades bem vestidas (ao contrário do povo, cujas roupas denunciam a tragédia). O terceiro grupo composto pelos heróis do cotidiano, bombeiros principalmente, ansiosos para mostrar suas ações e sua importância, além de voluntários manipulando as doações.

No material exposto, os personagens possuem uma representação (um papel simbólico) cuja importância é reforçada pelo tom de voz e pela expressão facial adotada pelo seu enunciador (repórter ou noticiário) na veiculação da TV de sinal aberto, e reforçada pelos comentaristas na emissora codificada,

mas que de forma geral também se refletem na persona política do presidente da ocasião.

De diferentes maneiras, para além de posicionamentos políticos, Bolsonaro e Lula apontam visões filosóficas diferenciadas: o fatalismo<sup>3</sup> do primeiro aponta a inevitabilidade dos fatos, a impotência humana, o ciclo previsível do meio ambiente<sup>4</sup>. Ancorado nesta perspectiva, caberia ao Estado um atendimento circunstancial, mas burocrático, para atender as vítimas.

A perspectiva do Presidente Lula se apresenta mais próxima ao humanismo<sup>5</sup>, na valorização das ações humanas no enfrentamento dos problemas. Esse modelo também implica na valorização do conhecimento, em particular do conhecimento científico e na sua capacidade de previsibilidade, mas também como estratégia racional para enfrentar os desafios impostos pelo clima e pelas limitações econômicas e/ou estruturais.

Na análise do material podemos destacar a mobilização das forças armadas pelo presidente Lula, bem como a demonstração de liderança ao colocar os militares para trabalhar na tentativa de diminuição do impacto do caos das calamidades provocadas pelas chuvas.

Além disso, Lula não se coloca diante da mídia como protagonista da coordenação das atividades, mas divide a cena de exposição midiática com os políticos Tarcísio de Freitas, Gover-

- 
3. Doutrina segundo a qual os acontecimentos são fixados com antecedência pelo destino. O fatalismo pode ter componentes religiosos, eventualmente ligados as religiões fundamentalistas.
  4. Elemento também presente nas falas de Bolsonaro sobre a preservação da Amazônia, quando afirma que “todo ano tem um período de incêndio/desmatamento” na região.
  5. Movimento intelectual que cresceu no período conhecido como Renascença que valorizava um saber crítico voltado para um maior conhecimento do homem e uma cultura capaz de desenvolver as potencialidades da condição humana.



nador do Estado de São Paulo e Felipe Augusto, prefeito da cidade de São Sebastião, para decidir as ações de reparação dos desastres provocados por chuvas no Litoral Norte de São Paulo.

### **Para concluir...duas coberturas e dois presidentes!**

A análise de dados envolveu a elaboração de uma lista do material dos telejornais de veiculação nacional e na GloboNews no período de 27 de dezembro do 2021 a 05 de janeiro de 2022; e 17 de fevereiro a 9 de março de 2023.

Inicialmente destaca-se que o material sobre a cobertura das tempestades é sutilmente vinculado a presença diária da “Previsão do Tempo”, que além de apontar onde seriam as novas “fortes chuvas”, antecediam ou davam sequência às reportagens sobre a enchente. Não foram objeto de análise os anúncios de tragédias climáticas em outros países. Os resultados, mais do que dados quantitativos – que desde o começo foram relativizados, foi comparado a partir do veículo no qual foi veiculado. Isso permitiu analisar os dados e verificar o material presente em diferentes telejornais, o que igualmente permitiu uma compreensão macro das estratégias adotadas pela Empresa Globo em relação ao jornalismo

A distribuição do material deixa claro que a emissora mantém nos telejornais da Rede de sinal aberto um modelo de telejornalismo mais factual, abrindo pouco espaço para comentaristas e analistas. Não se trata da ausência de opinião, sempre presente na expressão dos noticiários ou em pequenas frases ao final das reportagens, mas de um modo menos evidente de mostrar essa opinião.

Na emissora codificada, o processo é mais analítico, e inclui entrevistas mais elaboradas – exibidas em tempo real – em geral colaborativas (realizadas a distância), mas mediada por noticiários. A diferença se dá em parte pelas próprias caracte-

terísticas dos meios, uma vez que na GloboNews a proposta de 24 horas de jornalismo exige a inclusão de formatos não informativos. No entanto, revela também que a emissora reconhece diferenças entre os receptores dos sistemas, atribuído aos assinantes da emissora codificada um nível maior de exigência.

Essa percepção não é nova, mas ganha um reforço especial com a ausência estratégica da cobertura das férias do Presidente Bolsonaro nos telejornais de sinal aberto veiculados nacionalmente. O material para essa cobertura foi veiculado nas emissoras locais de Santa Catarina (onde o ex-presidente estava de férias) e, em casos específicos, na própria GloboNews.

No conjunto, destaca-se que nos telejornais nacionais da Rede Globo, há uma menor visibilidade de Jair Bolsonaro. Embora esteja presente em todas as edições, sua exposição é sempre menor em termos de tempo em relação ao que é mostrado do atual presidente Lula, que tende a ser mostrado em matérias mais completas ou mesmo em recortes de entrevistas coletivas. Outro diferencial é a tendência a destacar os aspectos grotescos de Bolsonaro o seu governo.

De fato, o grotesco foi o elemento mais presente nas imagens que acompanharam as cobranças sobre a postura do Presidente se divertindo, enquanto a tragédia acontecia. Em termos televisivos, o mais simbólico possivelmente foi a comparação da imagem do presidente andando de jet sky no mar enquanto um morador se equilibrava em um colchão inflável na enchente.

Em contraposição, ainda que o presidente Lula não esteja totalmente alijado de elementos grotescos, eles não são destacados ou apresentados em primeiro plano. O presidente aparece sempre adequadamente vestido (em geral de terno, ainda que no acompanhamento das ações relacionadas à tempestade, tenha optado por uma jaqueta) e em companhia de outros políticos/ministros do seu governo.

Bolsonaro se destaca por declarações rápidas e aparentemente espontâneas, enquanto Lula traz consigo um papel, com um discurso a ser lido.

Sem jamais citar diretamente a questão ou mesmo insinuar seus vínculos religiosos, a cobertura faz uma crítica à postura fatalista do Presidente Bolsonaro, e valoriza a postura humanista de Lula, o que aliás vem de encontro às próprias ações assistenciais da Rede Globo, cujo momento de maior destaque é o projeto/programa Criança Esperança, a valorização da educação e da ciência (Globo Rural; Pequenas Empresas, Grandes Negócios etc).

Sem verbalizações ou vínculos imagéticos evidentes, transparece na cobertura da Rede Globo a ideia do fatalismo do Presidente Bolsonaro como um elemento de um passado de ausência de luzes e de um retorno (ainda que no plano das ideias) do medievo. Da mesma forma, Lula é apresentado como a ameaça de uma modernidade, que embora desejável, pode também ser radical e ameaçadora se não for mantida sob controle.

No conjunto fica claro que o telejornalismo da Rede Globo continua sendo estratégico em trabalhar tematizações e enquadramentos, mas também modais que possibilitam relações interpretativas dos fatos e contextos.

Essa estratégia envolve mudar/adaptar o tratamento dado ao conteúdo que produz em função dos diferentes veículos/produtos jornalísticos que, sem se desvincular dos fatos e limitada pelas ações dos presidentes Bolsonaro e Lula, retrata/constrói de forma estratégica suas personas políticas.

Dessa forma, é necessário repensar a influência das empresas Globo não apenas a partir dos números, nem sempre favoráveis de audiência (MASUTTI, 2013), mas a partir das múltiplas possibilidades que estão ao seu alcance para divulgar as informações, e da mesma forma, a sua capacidade de estar atenta – e

se adaptar - às mudanças, buscando alternativas para continuar politicamente influente sem (pelo menos aparentemente) ferir os princípios básicos do jornalismo.

Com a análise do material sobre as enchentes e as férias, os fatos passam a ser secundários colocando a exposição em primeiro plano, ou seja, a exposição do fato é mais importante que o fato em si, se não, todas as coberturas seriam iguais, mas em não sendo, concluímos que a espetacularização e a exposição, o tratamento dado ao fato, o enquadramento, a tematização são mais importantes do que o fato em si.

## Referências bibliográficas

**Audiência da Globo cai e chega ao menor índice em três anos, mas emissora continua líder.** (2018). Folha de S. Paulo – Uol – F5. 29 nov. 2018. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2018/11/audiencia-da-globo-cai-e-chega-ao-menor-indice-em-tres-anos-mas-emissora-continua-lider.shtml> . Acesso em: 31 jan. 2023

BECKER, Beatriz. **Mídia e Jornalismo como Formas de Conhecimento: Uma Metodologia para Leitura Crítica das Narrativas Audiovisuais.** Matrizes, São Paulo, ano 5, n. 2 jan./jun. 2012.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre televisão.** Seguido de A influência do jornalismo e Jogos Olímpicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in late modernity.** Edinburgo: Edinburgh University Press, 1999.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo; GÓES, José Cristian. **Contribuições para a Teoria do Enquadramento para Compreender o Sensacionalismo no Jornalismo.** Animus — Revista Interamericana de Comunicação Midiática, v. 11, n. 22., 2012.

gl São Paulo. **‘É maldoso quem fala que estou de férias, eu dou minhas fugidas de jet ski’, diz Bolsonaro após alta.** 05 jan. 2022. Disponível em: <https://gl.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/01/05/e-maldoso-quem-fala-que-estou-de-ferias>

- eu-dou-minhas-fugidas-de-jet-ski-diz-bolsonaro-apos-alta.ghtml. Acesso em: 01 fev. 2023.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **A saga dos cães perdidos**. Comunicação e Jornalismo. São Paulo: Hacker, 2000.
- MASUTTI, Vivian. **“Jornal Nacional” perde um terço de sua audiência em dez anos**. F5 - Folha UOL. 12 dez. 2013. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/colunistas/vivianmasutti/2013/12/1384425-cai-audiencia-do-jornal-nacional-e-poeta-tem-saia-justa.shtml> . Acesso em 31 jan. 2023.
- MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional – a notícia faz história**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2004. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/enchentes-no-rio-1966/> . Acesso em: 04 fev. 2023.
- NERY, Natuza. **Jornalista da Globo detona Bolsonaro e diz que presidente não trabalha**. 29 dez. 2021. Disponível em: <https://emoff.ig.com.br/televisao/jornalista-da-globo-detona-bolsonaro-e-diz-que-presidente-nao-trabalha/> . Acesso em: 31 jan. 2023.
- ORTIZ, Sergio Luque; OUBIÑA, Carlos Portas. **La cobertura informativa de sucesos trágicos en las cadenas de televisión**. Un caso de estudio: los incendios de Pedrógão Grande en Portugal y la desaparición de Julen Roselló en España. Observatorio (OBS\*) Journal, 2021, vol. 15, n.4, p. 19-39.
- PODER360. **Globo demite 12 jornalistas veteranos em 6 meses; saiba quem são**. 12 dez. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/globo-demite-12-jornalistas-veteranos-em-6-meses-saiba-quem-sao/> . Acesso em: 11 fev. 2023.
- SODRÉ, Muniz. **A comunicação do grotesco**: introdução à cultura de massa no Brasil. 3ed. Petrópolis: Vozes, 1973.
- QUEIROZ, Dinah Silveira. **A Muralha**. São Paulo: Ed. Livraria José Olympio, 1954.
- TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. **Notícias & Serviços nos telegornais da Rede Globo**. Rio de Janeiro: Sotese, 2002.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa; SANTOS, Marli dos. Entre a tempestade e o shopping: Anotações sobre a pauta do telejornalismo no verão brasileiro. **Anais do XII Congresso da Associação Latino Americana de Investigadores da Comunicação**. Congresso Alaic- Pontifícia Universidad Católica del Perú, 6 a 8 ago. 2014.

VAQUER, Gabriel. **Record comemora crescimento de 25% de Ibope no Brasil nos últimos 5 anos**. TV Uol. 31 jan 2019. Disponível em: <https://observatoriodatv.uol.com.br/audiencia-da-tv/record-comemora-crescimento-de-25-de-ibope-no-brasil-nos-ultimos-5-anos> . Acesso em: 31 jan. 2023.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 2008.

## Sobre os autores

### Ana Carolina Rocha Pessôa Temer



Pós doutora em Comunicação pela UFRJ e UFPE; Doutora e Mestre em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo; Bacharel em Jornalismo e pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) – Linha Mídia e Cidadania – da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal de Goiás (UFG); pesquisadora visitante no de Programa de Pós- Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação. E-mail: [anacarolina.temer@gmail.com](mailto:anacarolina.temer@gmail.com)

## Simone Antoniaci Tuzzo



Coordenadora da Licenciatura em Relações Públicas e Gestão da Comunicação na Universidade da Maia, Porto, Portugal. Pesquisadora do CITEI - Centro de Investigação e Estudos Inter-média, Umaia. Doutora e Pós -Doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.